

# Uma pincelada sobre o lugar da amizade nos *Ensaio*s de Montaigne

Ana Carolina Mondini

*Graduação, Mestrado e Doutorado em Filosofia pela UFPR.*

*Graduação em pintura pela EMBAP.*

**Resumo:** Autorretratar-se é um dos objetivos de Michel de Montaigne, em seus Ensaio>s. Para que sua imagem se manifeste, ele utiliza-se de vários recursos literários a fim de despertar a sensibilidade do leitor. O apelo ao lugar-comum relativo ao elogio a um amigo, não deixa de ser um importante recurso da Arte Retórica utilizado pelo autor, como o fizeram filósofos anteriores e posteriores a Montaigne. No seu caso, no entanto, por ser verídico o seu relato, mais uma vez, apesar do uso de artifício retórico, Montaigne confere naturalidade ao texto, envolvendo sensivelmente o leitor e possibilitando ainda mais que ele adentre no plano de significação imagético.

**Palavras-chave:** Montaigne; Arte Retórica; Pintura; Amizade.



Retrato de Madame de Lambert, obra de Nicolas de Largillière. Fonte: <http://luisantoniodevillena.es/web/articulos/madame-lambert-las-damas-salon/>

Em um autorretrato o pintor sempre procurará transmitir seu temperamento, a fim de evocar sentimentos no espectador. A Arte Retórica surge nesse momento como um conjunto de preceitos e regras a fim de transmitir os afetos pretendidos. Não é novidade que Montaigne faz longa crítica à Arte e à escolástica, mas que também faz uso dos preceitos para que, posteriormente, possa dissipá-los de seu tom artificioso, ou melhor, envolvê-los em seu tom naturalizado. Nosso pintor, portanto, não deixa de fazer uso de alguns *lugares-comuns*, apelando para o despertar da sensibilidade de seus espectadores; de forma inusitada, no entanto.

O ensaio “Da amizade” é um clássico exemplo a partir do qual os efeitos da história contada geram fortes emoções, e amplia a percepção mesmo dos mais desatentos. A partir do tratamento aprofundado da sensibilidade, o texto adotará o contorno necessário para a explicação do sensível, ou seja, da percepção imagética. Além do íntimo vínculo entre a imaginação e o intelecto, é certo que a sensibilidade ou o afeto também participam da experiência ou percepção de imagens.

A morte de um amigo por si só é assunto bastante afetivo e, quando acompanhado de grande elogio, torna-se especialmente comovente. Esse assunto, sendo um lugar-comum, não foi tratado exclusivamente por Montaigne, obviamente. Cícero, por exemplo, contorna seu diálogo *A amizade* pela narrativa acerca da amizade de Cipião, o Africano (185 a.C.-?) e Caio Lélío (?), contada por este, poucos dias após a morte do outro. Lélío, no entanto, também é uma pessoa que não está mais entre os vivos quando a história é contada, mas empresta sua voz ao seu genro Cévola (157 a.C.88 a.C.). Este retoma, portanto, a conversa que teve com seu sogro e Fânio (?), tal como se encontra guardada em sua memória. Assim como Cícero que reproduz seu diálogo pela lembrança daquilo que seu amigo Cévola o contou. A intenção desse filósofo é reaver a imagem de Lélío tão vivaz a ponto de fazer o próprio sujeito presente ao leitor – despertando a vivacidade imagética, justamente, por escrever em forma de diálogo, pois, “assim, quando torno a ler esse texto, tenho a impressão de ser mesmo Catão quem fala e não eu [...] Dele (Lélío) é o teor da conversação em torno da amizade. Ao lê-la, saberás quem és” (Cícero, 2006, p. 25).

A própria ideia de uma pessoa afastada pelo resto de sua vida terráquea de um amigo inigualável consiste em um objetivo de causar empatia, a fim de aproximar o leitor do texto, mais precisamente, das pessoas envolvidas. Enfatizar a dor sentida, comove ainda mais, como reflete Cévola: “[...] a dor pela morte de pessoa tão nobre e excelente amigo, já não poderias não ficar abalado, emocionalmente, porquanto tal atitude reflete teu caráter” (Cícero, 2006, p. 28).

Mas os efeitos disso tornam-se ainda mais fortes na medida em que o amigo, correspondendo à concepção de Cícero de que a amizade se relaciona ao ser virtuoso, era alguém de caráter ilustre a ser devidamente elogiado. Pois, assim torna-se possível fazer com que a perda do ente querido seja ainda mais relevante, por ter feito parte de uma bela e considerável amizade, como observa Cévola, que também fora amigo de Cipião: “Segundo, penso, jamais haverá outro igual e isso

posso testemunhar” (Cícero, 2006, p. 29). A virtuosidade não corresponde apenas a um dos amigos e, portanto, Lélío é bastante elogiado, ainda em vida, como Fânio revela seus sentimentos: “É verdade, Lélío. Jamais existiu homem melhor nem mais ilustre do que Africano. Deves, agora, considerar que todos os olhos estão voltados para ti” (Cícero, 2006, p. 27).

Quanto maior vivacidade se confere ao fato, mais chances de tocar o leitor a respeito da grandeza da amizade. E nesse caso em que os dois principais envolvidos não estão mais entre os vivos, é preciso bastante saliência para compensar o distanciamento. Portanto, as seguintes palavras de Cícero: “Já que fomos informados por nossos antepassados que a convivência entre Caio Lélío e Públio Cipião foi *a mais memorável que existiu*, então é a pessoa de Lélío que me pareceu mais idônea para dissertar sobre o tema do qual Cévola se recordava tê-lo ouvido discorrer” (Cícero, 2006, p. 25 – grifos nossos).

Enfatizada a virtude da amizade e, por conseguinte, dos dois amigos, apresenta-se uma característica desse tipo de relação que corresponde às apreciáveis atividades que ambos executavam em convivência: “De fato, vivi em companhia de Cipião, quando juntos dedicamo-nos aos assuntos públicos e privados, no exército como em casa. Bem aí está toda a força da amizade, a saber, a comunhão de intentos, de estudos e de princípios” (Cícero, 2006, p. 33). Tamanha amizade jamais pode se igualar a outra qualquer: “Não me refiro à amizade vulgar e medíocre que também deleita e é útil. Falo, sim, da verdadeira e perfeita amizade. daquelas, às quais, acima, me referi” (Cícero, 2006, p. 37).

A amizade entre Montaigne e La Boétie (1530-1563) descrita no ensaio “Da amizade” é muito semelhante a essa relatada no diálogo de Cícero. Inclusive a ideia dessa última passagem é praticamente copiada por Montaigne, mas a fim de demonstrar a especificidade da amizade que o envolve: “Que não me coloquem na mesma linha essas outras amizades comuns; tenho tanto conhecimento delas

como qualquer outro [...]” (II, XXVIII, p. 283 – grifo nosso), pois, “[A] na amizade de que falo, elas (as almas) se mesclam e se confundem uma na outra, numa fusão tão total que apagam e não mais encontram a costura que as uniu [...]” (ibid., p. 281 – grifo nosso).

Assim como faz Cícero, Montaigne enfatiza a amizade de que fala como de grande profundidade, em detrimento de outras amizades de tipo mais comum. Além disso, a amizade de Montaigne com La Boétie também será colocada como destacando-se por conta de atividades em conjunto, tais como a escrita, conversas filosóficas, quer dizer, dos estudos. Certamente, não vamos entrar no detalhe da questão sobre o fato de que se Cícero relata a amizade entre Cipião e Lélcio como a mais dotada de perfeição, estaria em desacordo com Montaigne, que considerou a sua do mesmo modo.

Mesmo que Montaigne tenha nitidamente se baseado em um de seus autores preferidos para escrever o ensaio em questão, de fato, há algumas discordâncias entre as considerações de cada qual. No caso de Montaigne, a amizade seria a relação mais forte entre duas pessoas, passando por cima da relação entre pais e filhos, por exemplo. E o tratamento que ele dá ao amor é muito distinto do ciceroniano, cujo conceito de amizade envolve o próprio amor: “O amor, de cujo nome vem o de amizade, preside o afeto de benevolência recíproca” (Cícero, 2006, p. 42). Montaigne, por outro lado, considera o amor principalmente como qualidade entre amantes. A seguinte consideração de Cícero, no entanto, resume a ligação muito íntima que Montaigne procura sempre ressaltar acerca de sua amizade: “Quem contempla um amigo de verdade, nele vê um exemplar de si mesmo” (Cícero, 2006, p. 39).

Enfim, em ambos, a tonalidade que desperta a sensibilidade certamente é a realidade dos fatos: as reais e existentes amizades e mortes. No caso de Montaigne que sempre procurou a naturalidade, não podia ser diferente: mesmo que o uso de um lugar-comum tenha ares artificiosos, tal é o seu destino que descreve a amizade

em enorme correspondência com sua própria vida, com sua própria alma, dado o real destino de seu amigo: “Se houver alguma pessoa, alguma boa companhia no campo, na cidade, na França ou alhures, sedentária ou viageira, para quem meu temperamento seja conveniente, cujo temperamento me seja conveniente, basta assobiar: irei fornecer-lhe ensaios em carne e osso” (III, V, p. 88).

Outro exemplo interessante que se utiliza dos mesmos *lugares-comuns* para discorrer sobre a amizade consiste na obra de Madame de Lambert (1648-1733), marquesa de Saint-Bris. Ela conhecia muito bem a obra de Montaigne e foi bastante influenciada por sua leitura, assim como pelos textos de Cícero. Escreveu, entre outras, a obra *Da amizade*, na qual não coincidentemente inicia falando da perda de um grande amigo, que, porém, não necessariamente está morto.

Deve-me uma consolação, Monsieur, uma consolação pela perda de nossa amiga. Chamo de perda qualquer diminuição na amizade; já que geralmente todo sentimento que enfraquece, desaba. Examino-me com rigor e acho que investi na amizade mais do que qualquer outro: no entanto, tudo escapa. Eu peço a você, portanto, que me diga sem rodeios a quem devo culpar; pois minhas reclamações devem ter algum motivo. A mim mesma? As minhas amigas ou os costumes da época? Corrija-me finalmente pelas minhas faltas; console-me se eu perco. (Madame De Lambert, 1999, p. 33).

Diferentemente de Montaigne e Cícero, Madame de Lambert não se pauta em uma amizade exclusiva, mas discorre sobre a amizade em geral. Assim, ela inova o assunto comentando não sobre a perda de um amigo, mas sobre a perda do próprio sentimento de amizade entre as pessoas, que parece ser efeito do século XVII, com diz: “Contudo, essa é uma reclamação geral: todo mundo diz que não há amigos [...] É um efeito da perturbação dos homens cegarem-se pelos seus verdadeiros interesses” (Madame De Lambert, 1999, p. 34).

No entanto, não deixa de enfatizar a amizade como algo valioso e, assim como Montaigne, mostra como essa relação gera imensa conexão entre as almas: “Em todos os tempos se viu a amizade como um dos primeiros bens da vida. É um sentimento que nasceu conosco: o primeiro movimento do coração foi de se unir com outro coração” (Madame De Lambert, 1999, p. 34).

Outra semelhança entre os dizeres de Madame de Lambert com a amizade de Montaigne seria a comparação em relação ao amor. Para ela, a amizade supera o amor na medida em que supre aquilo que causa preocupações nas relações amorosas, como, por exemplo, as riquezas e as obrigações: “A amizade se enriquece pelas perdas do amor: ela se torna mais terna, mais viva e mais atenta” (1999, p. 36). Além de que “o amor dá à alma uma alegria tóxica, que às vezes é seguida de violentas tristezas [...]” (1999, p. 41).

E concorda com Cícero ao dizer que a amizade nos conduz à virtuosidade: “Como ela (a amizade) não pode se conservar a não ser entre pessoas estimáveis, nos força a parecermo-nos com eles (os amigos), para mantê-los [...] O primeiro mérito que é preciso buscar em seu amigo é a virtude, é isso que nos garante que ele tenha a capacidade da amizade e que dela seja digno” (Madame De Lambert, 1999, p. 40). Além de exigir virtuosidade no amigo, é preciso ser virtuoso. E, por isso, ela considera a amizade um meio de instruir e evoluir o espírito, na medida em que pelo exemplo do amigo, melhoramos nosso ser. Pessoas mais maduras e, por conseguinte, mais virtuosas, mais facilmente desenvolverão perfeição nessa arte, que a autora considera questionável entre os jovens: “Acredito que a grande juventude dificilmente se adequa aos prazeres da perfeita amizade” (1999, p. 45).

A amizade entre pessoas do gênero masculino nitidamente pode acontecer, leia-se a história. Madame de Lambert, sendo uma mulher, com legitimidade indaga-se sobre a possibilidade de haver amizade entre sexos diferentes. Conclui que sim, não sem mencionar, no entanto, suas dificuldades e necessidades:

Isso é raro e difícil, mas é a amizade que mais encanta. Ela é mais difícil porque é preciso mais virtude e retenção. As mulheres que não sabem que o amor costumeiro não é digno, e os homens que querem encontrar nas mulheres apenas a agradabilidade do sexo, e que não imaginam que elas podem ter qualidades mais vinculadas ao espírito e ao coração do que aquelas da beleza, não são propícios para a amizade sobre a qual eu falo. (Madame De Lambert, 1999, p. 56).

Mesmo tratando da amizade em geral, Madame de Lambert recapitula alguns *lugares-comuns* com o mesmo intuito de causar comoção. A perda do sentimento de amizade, em determinada época, seguida da beleza que é a amizade, pode gerar forte comoção no leitor, que buscará em si mesmo retomar esse sentimento caso também o tenha perdido.

Tanto a amizade relatada por Cícero quanto por Lambert e Montaigne possuem essa mesma tarefa de envolver afetivamente o leitor. A amizade sempre traz consigo um despertar sensível que parece ser inato ao seu significado que envolve a união entre duas almas e, quem sabe, porque retira a pessoa, momentaneamente, de sua realidade solitária, que é a condição da humanidade. Certamente, não consiste apenas em recurso retórico, porquanto a amizade faz parte da realidade humana. Em termos filosóficos, e em todos os três casos que mencionamos, esse tema envolve a instituição de uma moralidade purificadora na relação entre as pessoas. E se fosse apenas esse o objetivo, já seria de bastante valia.

Mas, além disso, mais do que um recurso para despertar a sensibilidade ou o sentimento moral, a amizade tem outra função muito interessante, pois, para alguns, ela faz parte da própria constituição do retrato. Conforme Marin Étienne ou Estienne (século XVII), um relojoeiro da comuna francesa de Caen: “[...] a amizade é ‘a mais verdadeira e a mais legítima causa’ do retrato, mais que seu uso também se desenvolveu ‘para conservar a ideia dos homens ilustres [...]’” (Pommier, 1998, p. 15).

É pertinente pensar que para Montaigne faria sentido esta ideia de que a causa do retrato é a amizade, já que o “Da amizade” é o ensaio central de toda a obra e, também, conserva a imagem de seu grande amigo.

Sem dúvida a beleza da descrição de Montaigne sobre sua amizade facilmente entenece o leitor. Porém, seus objetivos estendem-se a limites muito mais ousados. O primeiro deles consiste em mostrar os efeitos de seu estilo ensaístico, a saber, encaminhar o leitor ao plano de significação do sensível.

Inicialmente, a partir do discurso sobre a amizade, o autor não apenas desperta a sensibilidade no leitor, mas, simultaneamente, envolve o seu corpo. A sensibilidade por si só, no entanto, não é o suficiente para que se formem percepções imagéticas. Mas, por se encontrar diretamente ligada ao corpo, causando a percepção extra mental no leitor, será o pontapé inicial para a percepção sensível ou imagética, que também ocorre a partir do corpo. O vínculo entre o corpo e a imaginação, por sua vez, será o responsável para a percepção imagética, e ocorrerá, justamente, pelo estilo ensaístico.

Distintamente do estilo dialógico, o ensaio possui a qualidade de manter um movimento igual ao espírito oscilante das pessoas. Ele não se fixa numa estrutura exigida pela lógica textual e, portanto, não exige temporalidade cronológica, ou seja, começo, meio e fim. Além de outras características, a semelhança do movimento textual com o movimento oscilante do espírito, certamente, permeado pelo discurso sobre a amizade, também aproxima afetivamente o leitor do texto, pela identificação.

Outra faceta, decorrente da primeira, refere-se às diversas ligações possíveis que podem ser feitas, denotando distintos sentidos ao texto. Ou melhor, a quebra da lógica textual possibilita ao leitor transitar por distintos planos de significação *textuais*. Através das operações da imaginação vinculadas à razão ou pensamentos realizam-se distintas interpretações imanentes ao próprio texto.

Assim como o *amor* é uma metáfora utilizada por Montaigne para instituir o vínculo corpo-alma, no ensaio “Sobre versos de Virgílio” (III, V), a *amizade* também será uma metáfora para fazer algumas ligações. Ela, porém, não realizará apenas uma, mas ao menos três ligações distintas: a amizade entre dois homens, a amizade estilística, por assim dizer, e, por fim, como justificativa do estilo ensaístico, a amizade entre pintura e a escrita.<sup>1</sup>

E, por fim, será partir desse processo da compreensão da estrutura formal do estilo ensaístico, que se esclarecerá o plano sensível. O despertar da sensibilidade através da noção de amizade, consiste, portanto, no primeiro passo para que se elucidem os motivos pelos quais o autorretrato montaigneano não deverá vir a ser compreendido apenas como uma *metáfora*.

## Referências

CICÉRON. *L’Amitié*. Collection dirigée par Hélène Monsacré, Paris: Les Belles Lettres, 2011.

LAMBERT, Madame de. *De l’amitié (suivi de Traité de la vieillesse)*. Préface de René de Ceccatty, Collection dirigée par Lidia Breda, Paris: Éditions Payot & Rivages, 1999.

MONTAIGNE, Michel de. *Essais*. Texte établi et annoté par Albert Thibaudet, Bibliothèque NRF de la Pléiade, Éditions Gallimard, 1950.

MONTAIGNE, Michel de. **Os Ensaíos**. Tradução de Rosemary Costhek Abílio, Martins Fontes, São Paulo, 2000.

POMMIER, Édouard. *Théories du portrait, de la Renaissance aux Lumières*. Paris: Gallimard, 1998.

QUINTILIANO, M. Fábio. **Instituições Oratórias**. Tradução de Jerônimo Soares Barbosa, São Paulo: Edições Cultura, 1994.

---

<sup>1</sup> Sobre o desenvolvimento desse assunto: MONDINI, Ana Carolina. Pintura em Movimento: o ut pictura poesis nos Ensaíos de Montaigne. In. <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/69053/R%20-%20T%20-%20ANA%20CAROLINA%20MONDINI.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

QUINTILIANO, M. Fábio. **Instituição Oratória/ TOMO I.** Tradução, apresentação e notas de Bruno Fregne Basseto, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.

QUINTILIANO, M. Fábio. **Instituição Oratória/ TOMO II.** Tradução, apresentação e notas de Bruno Fregne Basseto, Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2015.